



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUANA PAULA SILVA

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Luana Paula Silva

Entrevistadora: Mariana Cristina Borges Novais

Local da entrevista: Santos Dumont, Minas Gerais

Data da entrevista: 07/02/2017

Processamento da Entrevista: Mariana Cristina Borges Novais

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 15 páginas

Número da entrevista: E-837

Data da autorização para publicação no Repositório: 30/04/2019

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Santos Dumont, 07 de fevereiro de 2017. Entrevista com Luana Paula Silva a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

L.P. – “Meu nome é Luana Paula, tenho trinta e dois anos. Brasileira, natural de Santos, etnia branca. Solteira e não tenho filhos. Tenho curso Superior em Educação Física e cursos de especialização em Pilates e Treinamento Funcional. Atuo como Treinadora e Gestora de um projeto chamado FutDelas¹ em regime de dedicação exclusiva com carga horária de trinta horas semanais”.

M.N. – A gente vai começar lembrando suas experiências no esporte. Como você começou desde a sua infância, Luana?

L.P. – Bom. Eu comecei no futebol com uns nove anos de idade, precisamente assim. Joguei como a maioria das meninas começou, na escola, jogando nas aulas de Educação Física. Naquele momento em que os professores mandavam as meninas para um lado e os meninos para o outro eu sempre ia para o lado dos meninos [risos]. Não ficava com as meninas que era para jogar aquela queimada, sempre a mesma coisa. Eu queria uma coisa que tivesse mais emoção e o futebol foi o que me puxou para o lado deles. Porque a menina sempre é vista como uma pessoa que não entende, que não sabe e quando eles começaram a ver que eu dominava um pouco o futebol, que eu tinha aquela malandragem do esporte, eles começaram a me aceitar mais. Então, em todas as aulas de Educação Física, da quinta série até o final do primeiro grau, oitava série, eu jogava na escola só. É...Com doze anos eu entrei, em 1997, é que eu fui procurar a primeira escolinha de futebol que tinha aqui em Santos. E que por coincidência, quem dava aula era até a Elane, que hoje é motorista no Rio de Janeiro, já até passou uma matéria sobre ela no Globo Esporte, também na TV Record. Ela foi minha primeira treinadora. Ela, a Solange que foi da Seleção de Atlanta em 96, o Michel Jean³ que hoje é um dos melhores árbitros da FIFA... Foi meu treinador aqui também. É que na época tinha o Marvel futebol de salão e ele tinha essa escolinha de campo. Essa escolinha de campo, é engraçado, porque eu tinha dez anos quando eu liguei no Santos e em 1995...O futebol feminino aqui em Santos...Então eu lembro que tinha aquele Campeonato Paulistano que aparecia na Band que o Luciano do Valle promovia. Então, desde criancinha eu assistia televisão com uma

vontade louca de estar ali dentro. Era uma coisa muito...Não sei...É sobrenatural assim, porque eu olhava e me via ali naquela situação. E não foi da maneira que eu quis mas pelo menos eu realizei um sonho. Para mim seria um sonho mesmo, estar ali dentro. Então eu ligava para o Manuel Maria, porque o Manuel Maria era o treinador das meninas do Santos, quando eu tinha uns dez, onze anos e eu falava para ele: “Porque não tem uma escolinha para a minha idade?”. Olha como eu era precoce, tipo, dez anos é muito criança. Aí ele falava: “Olha, a gente vai fazer uma escolinha futuramente” e tal. Aí foi aí que ele colocou a Solange e a Elane que eram jogadoras do Santos para abrir essa escolinha com o Michel. O Kleiton também estava envolvido, na época, o Kleiton Lima. Só que devido a ele morar longe, acho que ele morava em Itanhaém, acho que até hoje ele mora lá, ele não conseguia vir para Santos. Então a escolinha acabou ficando na mão dos três, do Michel, da Elane e da Solange. Eu fiquei lá por um ano mais ou menos, até o final de 98. Só parei de jogar porque no campo em que a gente treinava iam construir um shopping. Então, acabou a escolinha por esse motivo. Que é um dos maiores shoppings daqui de Santos agora. Então, aí parei de jogar em 98. Fui jogar futebol de salão, me federei no salão. Eu não gostava do futebol de salão, achava muito pequeno. Eu gostava de espaço para criar jogada, para correr. A minha paixão sempre foi o campo mesmo. Mas o salão me deu uma base boa de raciocínio rápido, de ter que jogar em espaço curto, então isso me aprimorou. Isso foi federada, eu joguei em quatro clubes aqui em Santos, joguei no Saldanha...Não, espera aí...Joguei no Regata Santista, no Clube Atlético Santista, no Atlanta, tudo pela Liga Regional aqui da baixada. Esse período todo foi dos catorze até os dezessete anos. Depois chegou aquela fase de querer estudar e eu não tinha a renda muito alta para fazer uma faculdade e eu não gostava de ficar acreditando na promessa, porque quando eu entrei na faculdade eles prometiam que quem jogava pela faculdade tinha bolsa. Mas era uma promessa que eu não via, então eu falei: “Quer saber de uma coisa, eu vou parar de jogar e vou trabalhar”. Aí eu meti as caras, fui trabalhar em um shopping [trecho inaudível]...Eu sabia que eu ia retornar, mas só depois que eu me formasse. Porque dentro de mim eu tinha certeza que um dia eu iria trabalhar com isso. Era uma paixão que eu buscava do fundo do coração, assim. E aí foi acontecendo. Depois que eu me formei eu não trabalhava mais na área. Fui estagiária do SESC, eu fiquei quatro anos no SESC estagiando lá. Hoje eu sei dar aula de tudo. Se você me colocar para dar aula de alongamento, eu sei. De musculação, eu sei. Porque eu tive uma base muito boa,

assim, de prática. De Educação Física. E aí acabou tudo, acabou estágio, acabou faculdade e aí eu me vi sem trabalho. Foi uma fase bem difícil. Eu falei: “Caramba, acabou tudo”. E quando você é estagiário todo mundo quer, mas quando você se forma começa a ser um produto caro e ninguém quer. Então aí eu fui buscar outras maneiras e foi aí que o futebol voltou a me despertar. Porque eu entrei em contato com o Kleiton e aí...Do Santos...E o Kleiton me conhecia, então eu conversei com ele, pedi uma oportunidade em 2007 no time profissional e aí ele falou para mim: “Luana, para preparadora física não tem como”. Porque não tinha preparador físico. Era um assistente que era a Fupes que fornecia...A Fundação Pró Esportes da Prefeitura. Então, a prefeitura que pagava. O Santos mesmo não dava nada. Só dava uniforme. Só vestia a camisa do Santos mesmo porque o time era da prefeitura. Então foi aí que ele me deu a oportunidade. Eu fiquei estagiando com ele, mesmo formada, eu fiquei como estagiária da preparação física em 2007 e em 2008 dei a ideia para ele de a gente fazer a primeira escolinha de futebol feminino do Santos. Daí eu fui a fundadora da Sereias da Vila, da escolinha e, então, tipo, eu coordenava, eu dava aula, fazia tudo, o marketing da escolinha. Aí eu só saí mesmo porque pagavam muito pouco, estava crescendo muito, mas eu não estava sendo valorizada. E eu cheguei no Modesto Roma, na época ele era administrador e falei: “Eu não quero mais porque só tem nome, mas não está enchendo a minha geladeira”. Falei para ele. Aí peguei, saí e fui para esse time americano que me convidou em 2008. Eles me convidaram para ir como preparadora física, e foi até através da Márcia Oliveira, aquela treinadora que está nos Estados Unidos. Para eu fazer uma vivência nesse time. E elas vinham disputar em Santiago e aí o que aconteceu...Eu peguei...Eu não consegui o visto para ir para os Estados Unidos e aí eles me deram passagem, me deram tudo e eu fui daqui direto para Santiago e aí eu encontrei o time lá no Chile. E em Santiago eu fiquei fazendo essa pré-temporada com elas e foi muito legal para mim. Porque foi uma experiência que eu estava com o quê? Vinte e dois anos. Vinte e dois para vinte e três anos. Foi assim que eu me formei. Então eu entrei no Santos, do Santos eu fui para esse time americano e as coisas foram acontecendo. Só que quando eu voltei desse time americano não tinha mais o Santos. O Santos tinha acabado e não estava mais conseguindo me manter no futebol. Eu não estava conseguindo pagar [trecho inaudível]. Eu estava de saco cheio de não ser reconhecida, trabalhar e morrer na praia, sabe. Mas alguma coisa dentro de mim ainda falava: “Você vai voltar”. Aí eu continuei estudando, correndo atrás da pós, essa que eu te falei de

Ciência do Esporte, Ciência do Treinamento. Comecei a querer estudar, eu falei: “Uma hora ou outra vai acontecer”. E foi aí que quando o Santos voltou agora em 2015 eu pude...É...2014...Eu pude ter essa experiência de novo como preparadora da equipe e é isso.

M.N. – E quando você começou a praticar o futebol, você tinha incentivo de alguém em especial? Na sua família, por exemplo...

L.P. – Tinha, tinha mais do irmão, assim. Meu irmão é três anos mais velho [trecho inaudível]. Minha mãe não. Minha mãe já não curtia muito não.

M.N. – E como as pessoas, em geral, percebiam sua participação nesse esporte?

L.P. – Por incrível que pareça, acho que eu passava tanto amor para as pessoas, do que eu fazia, quando eu ganhava uma chuteira do meu irmão...Tipo de alguém da minha família...Eu mostrava, era uma paixão tão grande que as pessoas se comoviam e acabavam dando uma força. Eu recortava tudo que saía na Olimpíada de 96 de Atlanta. Eu recortava tudo que saía da Sissi, da Formiga, tinha uma pasta com todos, sabe. Com toda a história do futebol feminino. Era tipo...Uma paixão mesmo. Algo que eu não sei explicar o porquê disso tudo [riso].

M.N. – Entendi. E você se recorda de ter sofrido algum tipo de preconceito, alguma situação desse tipo por estar no futebol, Luana?

L.P. – *Ah sim.* Sim, sim. Preconceito sempre. Se você falar que é do futebol as pessoas já te olham torto. Isso é natural. Desde criança, na escola, na faculdade também. E tiveram momentos na escola que eu omitia que eu jogava. Quando eu fui para o segundo grau que é aquela fase que você está fazendo uma transição da criança para o adolescente, então você tem receio de tudo. Então eu sempre...Eu joguei muito bem, mas assim, infelizmente eu não tive sorte mesmo até por essa situação de ter que trabalhar. Assim como várias meninas...Acredito que a gente perca vários talentos por isso. Então assim, como eu me destacava, o dia que o professor me viu jogando na escola ele falou: “Nossa, você nunca

falou que jogava futebol”. Tipo, eu fiquei três anos em outro colégio para fazer o segundo grau e ninguém sabia que eu jogava. Foram saber no último dia de aula, entendeu? Porque eu não queria mostrar, porque eu sabia que o preconceito era muito grande dentro da escola que eu estudava. Que lá o handebol era mais difundido. O futebol, principalmente o de mulher, era totalmente com preconceito. Então eu preferia omitir. Eu ficava para mim. Aí teve um jogo que eu não me segurei, fui jogar, fiz um golaço no menino que estava no gol, eu puxei a bola para o lado, fiz o gol e o professor de Educação Física falou para mim: “Caramba, você nunca falou para mim que jogava bola, meu Deus”. Muito engraçado [riso].

M.N. – E você gostaria de recordar e descrever alguma situação de preconceito que tenha feito com que você quisesse omitir?

L.P. - Sim. É...foi uma. Na época...Ah sim. De preconceito você fala. Deixa eu lembrar. Vou te falar no próprio Santos mesmo, os diretores lá. A maioria são preconceituosos, são mesmo. Eu falo aqui de peito aberto que são mesmo, muitos não querem o futebol feminino lá dentro e só tem porque o Modesto Roma é muito apaixonado pelo futebol feminino então eles vão ter que engolir. Mas a maioria dos conselheiros não gosta. Então assim, eu mesma já tive situação de estar na Vila Belmiro, pegando o elevador para subir e diretor lá de dentro olhar para mim e falar assim: “Você é tão bonita, trabalhando com isso.” Desmerecendo, sabe. E eu, tipo, eu encarava. Falava: “Olha, o que tem a ver você ser bonito, você ser feio com a profissão que você exerce?” É uma profissão como qualquer outra e vocês têm que respeitar. Eu sempre defendi as meninas, defendi a modalidade porque tudo que elas passam eu passo. Então, o próprio treinador, entre nós aqui, isso é uma coisa que eu vou falar de mim para você, o próprio treinador do Santos não gosta de futebol feminino. Ele é muito preconceituoso, entendeu? Teve uma situação...Que a mulher dele ficou grávida e eu falei para ele assim: “Que legal, você vai ter uma menina...Vai jogar bola”. Ele virou muito agressivo para mim falando “*Nunca* que a minha filha vai fazer esporte de macho”. Então assim, um homem desse no comando de um time que pensa desse jeito, você acha que o time vai para frente? Me desculpa, não vai. Não dá. Então assim, quem está lá dentro, às vezes, até sabe que ele é assim. Quem está no comando. Mas não vai acontecer nada porque...Mas eu tenho pena das atletas

porque enquanto mantiver um machista no comando, o futebol feminino não vai mudar. Eu fiquei muito feliz quando eu vi a Emily assumindo, porque a Emily já sofreu bastante também e superou muita coisa para chegar ali. Vou te falar, é muito difícil, cara. Só eu sei o que eu passei esses dois últimos anos. Eu acho que o caminho seria isso. A mudança para o futebol feminino seria...É apoiar mais mulheres na comissão técnica. Porque nós íamos nos defender. Nós íamos defender umas às outras. Eu penso assim, do mesmo modo que nós mulheres não podemos entrar no masculino...Você não vê uma mulher no futebol masculino, na preparação física, no...Por que eles podem entrar no nosso? Não consigo entender, sinceramente.

M.N. – É uma pergunta interessante. Você comentou, Luana, um pouco sobre como sua carreira começou. Tem algo mais sobre esse seu ingresso como auxiliar e preparadora que você queira contar?

L.P. – Não sei se uma situação da faculdade conta. Eu tive uma situação antes de ser estagiária no SESC que [trecho inaudível]...Montou um projeto de futebol feminino muito legal, tinha mais de sessenta meninas [trecho inaudível]. E quando eu saí do Santos, em março, o time da UNIMES me chamou, que é a faculdade que eu me formei em Educação Física. Me chamou para ser treinadora dos Jogos Universitários aqui da baixada e a gente foi vice-campeã. Ano passado. A gente perdeu para o time da fisioterapia que era composto, praticamente, pelas Sereias da Vila. Que era a concorrente, a UNISANTA. A gente foi para a semifinal com elas, aí colocaram a Dani no gol, aquela loura que pega para caramba. Fechou o gol [riso], a bola nossa não entrava e a gente foi vice-campeã para UNISANTA que é uma das mais fortes aqui da baixada. Foi bom porque aí deu um estímulo porque eu estava meio desanimada quando eu saí, e me chamaram logo em seguida. Eu treinei elas, não ganhei nada, mas foi mais para autoestima mesmo. Foi bem bacana, foi bem legal.

M.N. – Entendi. E você destacaria alguma dificuldade nesse início de carreira, perante sua família, amigos, as próprias comissões, atletas, algo nesse sentido, Luana?

L.P. – Então, é...Perante minha família não. Eles dão maior apoio, falam super bem porque eles viram o quanto eu sonhei, o quanto eu ralei para chegar ali e tudo foi muito suado. Nada foi fácil, sabe, fui galgando escadas mesmo. Ninguém chegou e olha: “Luana, é teu”. Então foi muito difícil chegar até lá em cima. Então acho que a maior...A parte mais difícil de adaptação foi com as próprias atletas. Não digo comissão. Mas as atletas me rejeitaram muito no começo. Até porque elas tem aquela visão: “Ah, você não foi profissional, você não sabe tanto quanto eu que já joguei na Rússia, já joguei nos Estados Unidos...”. Então esse preconceito tem muito. Tipo, tinham atletas lá dentro que me maltratavam mesmo. De deixar você assim...De chegar para você e falar uma pá de coisas...E meu primeiro semestre, eu estava meio...Sabe quando você está meio insegura por estar em um ambiente que fala: “Opa, agora eu sou responsável por um time grande, vigiado pela imprensa...”. Isso tudo pesa e eu tive muita força, até de psicóloga do esporte, não sei se já te falei isso. A Sônia Roman foi minha psicóloga do esporte e ela que me ajudou a me manter ali dentro, porque quando a gente entrou em férias, eu estava em um estado de estresse total. Porque eu dava o meu melhor mas...E aí essa psicóloga, ela me ajudou demais. Eu sempre fui muito forte, mas naquele momento eu me senti fraca. Porque elas deixaram o meu mental *detonado*. Sinceramente, detonado. E eu nunca passei isso para a minha comissão. Porque se eu passasse isso para eles, eles iam achar que eu era uma pessoa insegura. Então assim, eu levei isso comigo, procurei essa psicóloga que tem livro, a mulher é super inteligente e eu sabia que ela já estava acostumada a lidar com esse tipo de situação e ela me ajudou muito. Eu já estava a ponto de chegar e falar “não quero mais” e ela falou: “Luana, você não vai sair. Você nunca vai pedir demissão porque você é forte, com sua vontade, com a sua garra elas vão te engolir”. E, meu, ela fez um trabalho tão bom comigo que quando eu voltei, eu fiz uma reunião com o time inteiro, com a comissão e eu falei: “Eu sei que tem gente aqui que vai ter que me engolir. Porque aqui, quem manda na preparação física sou eu. Não adianta fazer biquinho, que não está gostando. Não está satisfeito, pede para sair”. Eu falei para elas. Eu dei uma palestra para elas que, meu, você ia ficar boba. Muitas eu não quero amizade porque mostraram um lado do caráter que eu não aprovo. Para mim, assim, ou você é fiel...Porque a pior coisa é você andar na rua e chegar alguém para você e falar, treinador de outro time e falar: “Olha, fulano falou que o teu treino é uma merda. Que você...”. Entendeu? Isso é a pior coisa, sabe. Uma falta de profissionalismo horrível. Então assim, eu falei isso para elas.

E meninas que têm nome. Não foi pouca coisa não, foram meninas que são Seleção Brasileira. Meninas que eu tinha maior admiração...Acabou essa admiração para mim, de verdade. Então assim, o treinador, por incrível que pareça, ele me ajudou. Eu senti que ele tinha muito preconceito em relação a eu ser mulher e estar ali do lado dele...Eu sentia isso o tempo inteiro, mas ele estava tendo que me engolir naquele momento, porque como o Santos me contratou...Quando contratou ele não pegou indicação dele...Por eu já ter passado lá e ele teve meio que me engolir, mas eu sentia que uma hora ou outra ele ia me tirar. Porque ele ia ganhar moral para isso. Ele ia querer escolher a comissão dele. E foi aí que aconteceu. Os resultados não vieram. Na minha opinião, os resultados...Quando eu entrei no Santos, setenta por cento do time veio lesionado. Setenta por cento era de menina que nunca mais jogou bola na vida, que estava fora do peso, entendeu? A gente teve que fazer todo um trabalho de triagem, colocar todo mundo em forma de novo e zerar. Eu zerei as lesões do time. Ninguém mais tinha lesão até quando eu saí. Então assim, eu fiz um trabalho de prevenção com o fisiologista lá que estava muito legal. E eu sinto...Tanto que o dia que eu fui assinar a demissão eu falei para o treinador: “Eu quero saber o motivo da minha demissão.” E eles falaram: “Não tem motivo.” E eu falei: “Ah, porque não tem motivo mesmo. Eu estou na minha melhor fase.” Se fosse no primeiro semestre que estava insegura, eu estava me adaptando era uma coisa mas me mandaram embora na minha melhor fase. E foi aí que o diretor falou: “Ah, é o presidente que não te quer mais aqui”. Mas aí era mentira porque, na época, o presidente estava doente, estava internado. Eu sabia que era o treinador que me cortou. Mas ele não teve coragem de falar: “Eu não te quero mais aqui”. Porque eu tenho certeza que foi por preconceito, foi por machismo sim. Isso é certeza. Por tudo que eu vivi com ele, das coisas que ele falava, eu tenho certeza que foi isso.

M.N. – Entendi. E em situações normais, nessas formações das comissões técnicas, existe uma progressão hierárquica nos cargos? Por exemplo, a preparadora física que almeja se tornar auxiliar, auxiliar que almeja se tornar treinador, existe isso?Então, no Santos, não sei como funciona essa coisa da comissão técnica. Mas por exemplo, o preparador que era o Gustavo, não sei se você lembra, no Santos ele virou treinador. Eu acredito que lá exista essa possibilidade sim. Mas é aquilo, formam aquela panela. Se eu tivesse uma aliança...Eles viam que eu estava despontando e para mim ele sentiu uma ameaça. Porque

ele nem ia no ônibus com as jogadoras, ele pegava o carro dele e ia para o treino. Ficava só eu e o massagista dentro do campo com as atletas. Eu falava para ele: “Cara, fica difícil uma pessoa confiar em você com você mantendo a distância”. Então a gente batia muito de frente porque a minha liderança é totalmente democrática. Eu fazia o tratamento atleta por atleta, demonstrava as avaliações. [Trecho inaudível]. E eu sempre fui super profissional. Eu não saía com elas, não ia para barzinho, para nada. Porque senão elas não respeitam. Foi bem difícil. Quando elas estavam comigo, assim, na mesa do aeroporto, ele mandava eu sair.

M.N. – Entendi. Agora, o que você considera, Luana, ser importante para se manter na carreira de treinadora?

L.P. – Uma das coisas mais importantes é estudar. Quanto mais cursos, quanto mais você se dedica, vai atrás de pós-graduação, fazer estágio em outras equipes, eu acho que isso é importante até fora do país mesmo. Porque como é difícil o espaço para a gente entrar, eu acho que o caminho que mais abre espaço, às vezes, nem é rápido, mas o caminho que leva a uma trajetória mais fácil, teoricamente, seria estudando mesmo. Agregando conhecimento, porque quando você tem conhecimento não tem como alguém chegar para você e falar: “Não, você não está aqui porque você é boa...ou ruim”. Você mostra para a pessoa que você tem esse “feeling”. Isso é o mais importante. Hoje, eu saindo de lá, eu penso que eu ganhei bastante porque a carreira que eu fiz, eu ganhei respeito de médico, de fisioterapeuta que é o que está me ajudando hoje na minha lesão. A maioria dos médicos do Santos conversam comigo, a gente troca ideia e eles sabem que foi sacanagem tudo isso que aconteceu. Realmente é aquilo...Mas a gente tem que continuar estudando. Uma hora as oportunidades voltam a aparecer. Tem que acreditar.

M.N. – E como você avalia a importância das redes de contato para o sucesso da sua carreira também?

L.P. – Também. Eu acho que a rede de contato, o “networking” é muito importante. E esse “networking” você faz através do quê? Dos cursos. Você vai fazer um curso lá na CBF, você vai fazer uma Licença A, licença B, sei lá...É um curso caro. Já falei com a

Emily...É um curso para as pessoas...Não é qualquer um que pode fazer. Eu, estando dentro do Santos não consegui fazer porque era muito caro e o Santos não queria pagar. Então assim, eu vejo como os cursos que não são para formação. É um curso para “networking”. É o que eu vejo. Para você chegar lá, fazer contato. Eu acho que a realidade de todos é isso. É ir lá e fazer contato não é nem ir e pegar aquele diploma porque a gente sabe que a formação é muito fraca, dos cursos da CBF. Mas a ideia é fazer contato mesmo porque lá na frente ajuda. A Michele é um exemplo vivo disso. A Michele Kanitz que eu te falei, ela estagiou com a gente lá no Santos em janeiro. Ela ficou uma semana com a gente e aí eu queria colocar ela como analista de desempenho porque para mim ia ser ótimo ter alguém que fornecesse dados para mim. Só que, infelizmente, eu saí duas semanas depois. Eu consegui colocar ela como estagiária mais um tempo, eu ia dar uma força para ela continuar, mas aí chegou o preparador novo e ele chegou para ela e falou: “Filhinha, vai apresentar seu projeto em outro lugar”. Porque ele ficou com medo. É através de análise que você vê resultado. Se o treino tiver fraco vai aparecer. Tanto que agora eles cortaram o convênio que eu com a UNIFESP do grupo de estudo que eu sou. Eles não querem mais porque lá a gente avalia cadeia isocinética, força. Se tiver caindo, ele acha que vai mostrar que o trabalho dele está sendo uma bosta [riso]. Os caras não têm a visão: “Ah, temos parceria com faculdade”. Eu não, minha visão sempre foi assim: “Estou errando, vou procurar sempre melhorar, tentar evoluir”. Mas cos caras são boleiros. Aquela cabeça pequena...

M.N. – Entendi. E em termos trabalhistas, como está estruturada hoje, no Brasil, a profissão de treinadora, Luana?

L.P. – Então, em termos trabalhistas, vou te falar do que eu vivi. Lá era carteira assinada, tinha plano de saúde. Do Brasil, eu acho que é o mais certinho, assim. Mas treinador é contrato e não tinha plano de saúde, nada disso. Porque o salário deles também é muito mais alto. Então tem um tempo de contrato. O do Caio foram três anos e acredito que o salário não passava de dez mil.

M.N. – E no caso, você enxerga alguma diferença de salário entre homens e mulheres, mesmo no futebol de mulheres?

L.P. – [Trecho inaudível]. Então assim, eu fiquei sabendo que só não trouxeram outro preparador físico porque ele queria oito mil reais e eu ganhava três. [Trecho inaudível]...Com certeza tem uma discrepância muito grande porque eu fazia a mesma função que ele e ele, por ser homem, todo mundo olhava para ele, davam tudo, mesmo não tendo a qualificação. O preparador de goleiro do Santos, por exemplo, não é formado em Educação Física. E está no Santos e na Seleção Brasileira.

M.N. – E como era a relação, na comissão técnica de vocês, sua com as pessoas que eram lideradas por você? Não somente as atletas, todo mundo.

L.P. – [Trecho inaudível].

M.N. – Agora, sobre as condições de trabalho. Como isso está estruturado?

L.P. – Então, vamos lá. Condição de trabalho. A minha realidade não era muito boa não. Tipo, tinha campo, às vezes...Às vezes, não tinha. Era uma briga entre nós e a base. Para colocar a gente em algum lugar, para achar um burquinho para a gente treinar e a parte...Uma parte que você vai achar o cúmulo é que quando eu entrei no clube não tinha nem material. Não tinha bambolê...Só tinha bola que eles pegaram lá de outras bases. Diretor falou para mim: “Olha, é isso ou não é isso”. Então assim, é o que eu te falei, é muito fácil criticar. As próprias atletas criticarem sendo que não sabiam como que eu tinha que me virar nos trinta para dar um treinamento legal para elas. Então assim, é...Situação precária. Precária mesmo, de verdade. Se você for ver as garotas treinando lá na pré-temporada, você vai ver que elas têm corda, que elas têm bambolês, mas não é nada deles. Do CT feminino. Aquilo ali é do CT da base.

M.N. – Agora eu gostaria que você falasse um pouco, como se dava a conciliação entre a sua vida profissional e a pessoal já que lá era dedicação exclusiva.

L.P. – Eu tinha duas malas. Uma já ficava arrumada. Eu chegava de viagem já pegava a mala para ir para outra. Porque eu não tinha vida não. Eu não tinha folga. Para você ter

uma ideia eu não tinha folga. É porque assim, quando entrava em semana de competição, tem as que viajam mas tem as que ficam para o fisioterapeuta aplicar lá uma ajuda. Quando eu viajava e elas ficavam, ficavam sem treinador. Deixava uma planilha pronta para elas irem para a academia [trecho inaudível]. É um trabalho muito puxado, de cobrança, de falta de...Tem que amar muito.

M.N. – O que você enfrentava como dificuldade para permanecer lá?

L.P. – Não, acho que em si era só esse preconceito das próprias atletas mesmo. Fora isso eu não tinha medo de nada. Depois eu estava muito segura lá. Não pensava em ser mandada embora porque eu tinha o “know-how”, eu tinha os testes da faculdade que eram muito bem feitos, as meninas estavam progredindo fisicamente e a própria Emily, quando ela me ligou porque eu fui mandada embora, ela me ligou e ela falou para mim: “Luana, as meninas estavam voando no campo, cara. O que fizeram com você foi muita sacanagem”. Ela falou assim para mim porque no mundo do futebol um conhece o outro, então...E eu só caí mesmo porque a torcida começou a cobrar. Elas vão nos jogos, cobram muito, elas são muito chatas. Então eles tinham que mandar alguém embora para tirar essa pressão de cima do treinador, então, eu acredito que eu fui mandada embora por causa da pressão da torcida, sabia. Tipo, eu fui o pato. Vamos mandar alguém embora e esse foi...E não ganharam nada até agora. Vice para mim não é nada porque antes a gente já havia sido terceiro...No Paulista. A gente jogou contra o São Paulo a semifinal em 2014 e perdeu por três a dois. Foi maior jogão. Aí o time da Emily pegou o São Paulo na final e o São Paulo ganhou. Então assim, a gente nunca foi mal. A gente foi mal no do no ano passado mas a culpa não é minha. Eu acredito que a culpa não é minha porque eu, praticamente, eu não estou envolvida ali na parte tática, entendeu? Acho que é isso.

M.N. – E como você enxerga, hoje, as oportunidades de ascensão para as mulheres como treinadoras?

L.P. – É um ponto difícil. É...Quando eu saí dos Santos eu tentei outras equipes porque eu queria seguir direto. Não parar. E todo....O Iranduba de Manaus foi um. Eu mandei currículo para lá, para o diretor e ele falou que ia me falar [trecho inaudível]. É bem difícil.

A clínica para adolescentes...Mas de clube do Brasil mesmo, nenhuma outra proposta para voltar.

M.N. – Mas você ainda pensa? Tem alguma expectativa futura para você nesse meio ainda, Luana?

L.P. – Te falar, depois de tanta coisa que eu vivi, eu peguei um certo...Um certo receio, acho que um certo nojo de tudo que eu vi de errado. Sabe, falaram para mim: “Luana, enquanto você não for política você está morta para o futebol”. Então assim, parece que eles querem que você jogue sujo. E se o DNA for esse eu não me vejo mais nesse contexto. Se realmente for esse DNA eu estou fora. Porque eu gosto de fazer um jogo limpo, de ajudar, de...De inserir atleta, de dar oportunidade para todo mundo. Eu acho que é...Eu sei que o esporte ele é meio descartável. Ele pega, ele joga no lixo mesmo as que não servem, mas eu acho que depende muito de quem está no comando. Se você tem uma cabeça é...Eu gosto muito da forma de liderar, vai, vou dar um exemplo muito distante um pouco do futebol que é o Obama. Ele tem uma liderança que é...Eu me identifico demais. Eu acho que aquele cara é um cara que salva até no esporte. Que a maioria dos caras que estão no esporte não têm aquela coisa da humanidade. Querem é levar o cara ao limite, não estão nem aí se a menina está com lesão, se a menina está com problema. Porque tem muita jogadora que não rende porque está com algum problema. Às vezes, psicológico, e os caras não estão nem aí. Eu falei isso para a minha comissão técnica. Eu falava: “Gente, às vezes, as meninas não estão rendendo porque está com problema na família...” Eu juntava, eu gostava de agregar. Se eu tinha um psicólogo no Santos porque eu não iria usar ele? Eu sentava com ele, vamos conversar. Meu, eu mandava atleta para ele sem o cara saber e a menina melhorava no campo. Porque se eu falasse para o treinador que eu mandei uma menina para o psicólogo ele não ia querer. Eu acho que o espírito nosso, de mulher, que tem mais aquele espírito materno mesmo, de querer ajudar, isso faz a modalidade evoluir. Enquanto tiver esses caras escrotos de mente, eu acho que a gente está ferrada. Essa é a realidade [riso].

M.N. – E você já pensou ou pensa em trabalhar com o futebol de homens?

L.P. – Como assim?

M.N. Os atletas homens.

L.P. – Ah, isso eu penso porque eu faria uma formação. Eu montaria uma metodologia e teria que seguir a minha cartilha. Então, o jogo sujo eu não ia aceitar. É bem essa linha que eu estou indo. Essa linha do projeto que eu montei. Eu desenvolvi uma metodologia. A princípio não é competição, é lazer. Mas eu tenho altas ideias futuras e eu tenho uma comissão. E eles falam: “Luana, sem você o FutDelas não anda”. Isso porque eu tive o problema no joelho, mas em nenhum momento eu abandonei. Eu vou no treino de muleta, eu sento lá, eu faço a parte administrativa porque as meninas têm que sentir que eu estou presente. E é uma coisa que eu falo para os professores. Elas não têm que ver o FutDelas Luana. É uma marca, é o FutDelas. Não tem que ser Luana. Porque eu quero que o negócio cresça e eu não tenho que estar presente para crescer. Ele tem que ser desenvolvido como uma ideia porque eu quero agregar outras pessoas. Não quero que caia em cima de mim. É uma marca que tem uma história por trás dela...Esse empoderamento da mulher. Por tudo que eu passei. Eu quero empoderar elas, que elas sintam que podem fazer o que elas quiserem.

M.N. – Bacana. Eu encerrei com as perguntas, queria saber se você deseja deixar algum comentário ou abordar algo que eu não tenha te perguntado. Pode ficar à vontade.

L.P. – Não. Eu quero dar...Elogiar a sua pesquisa porque eu achei muito bacana. Até comentei com a Tereza ontem, a menina que é jornalista do FutDelas, o quanto isso é importante para estar desenvolvendo, não só na prática, porque quanto mais teoria a gente tiver, mais publicações a gente tiver, livro...Mais a gente vai estar chegando na população e nas pessoas. Então essa sua iniciativa é muito bacana, te parabeno e parabeno a sua Orientadora também. E vamos desenvolver. Torço por você, quero ver você na área também atuante. É teoria e atuando também no seu projeto. E quanto mais mulheres tiverem envolvidas mais feliz a gente fica. Eu torço por todas. Não tenho concorrente. Eu gosto de construir pontes, não gosto de construir muros. É uma frase que eu gosto de usar porque quanto mais a gente dá as mãos, maior e mais forte fica a corrente. Então a gente tem que se unir. Acho que nesse momento não tem que existir vaidade, mas que

infelizmente existe muito no futebol feminino, a questão da vaidade, sabe. É uma coisa muito mesquinha que não faz parte de mim e quanto mais eu puder ajudar as pessoas a agregar, mais eu vou estar fazendo. Em relação a eu voltar para o futebol, eu já entreguei para Deus. Eu continuo fazendo meu trabalho. Estou me recuperando da lesão do joelho agora, passei por essa cirurgia, mas graças a Deus, eu consegui. E dentro de mim alguma coisa ainda me fala que um dia eu ainda vou para uma seleção. Não sei quando vai ser, se vai acontecer, mas é uma coisa que eu tenho dentro de mim desde criança que ia acontecer. Não sei se vai acontecer, mas se acontecer ótimo e se não acontecer eu continuo minha via ai com o projeto e minhas outras ideias.

M.N. Eu agradeço, Luana, pela colaboração. Vou me empenhar bastante para que realmente saia um trabalho perto das expectativas e a gente vai continuar conversando, pois eu vou fazer a devolutiva da entrevista a você para fazermos ajustes.

L.P. - Sim. Me desculpa até falar muito do Santos. É um desabafo e também para você entender um pouco o mundo que a gente vive. Eu te agradeço o convite e o que precisar pode contar.

M.N. – Está bom. Muito obrigada. Boa noite.

L.P. - Boa noite, fica com Deus.

[FINAL DA ENTREVISTA]